

# A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO 'MORRO DO CAMPO' NO CONTEXTO DAS GRAVURAS DO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL (BRASIL)

*por*

**Rodrigo Luiz Simas de Aguiar\***

**Eudes Fernando Leite\*\***

**João Carlos de Souza\*\*\***

## Resumo

A arte rupestre do Morro do Campo, situada na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, Brasil, possui escassa referência bibliográfica, provavelmente devido ao difícil acesso. Contudo, trata-se do maior painel de gravuras rupestres situado no lado sul-mato-grossense do Pantanal, sendo de fundamental importância para o contexto arqueológico regional. O presente artigo propõe situar as gravuras do Morro do Campo face ao contexto da arte rupestre de Mato Grosso do Sul, especificamente do Pantanal, contribuindo para a sua documentação e para a formação de literatura de referência.

## Abstract

The rock art of Morro do Campo, placed on the Brazilian Pantanal region of Mato Grosso do Sul state, in Brazil, has scant bibliographic reference, probably due to difficult access. This deficit is probably consequence of the difficult access of the archaeological site. However, it has the largest panel of petroglyphs located in the Pantanal of Mato Grosso do Sul, which is of major significance for the regional archaeological context. This article proposes to situate the engravings of Morro do Campo in face of rock art context of Mato Grosso do Sul state, specifically at Pantanal, contributing to its documentation and for the formation of reference literature.

### Palavras-chave

*Arte rupestre*

*Petroglifos*

*Pantanal*

*Mato Grosso do Sul*

*Brasil*

### Keywords

*Rock art*

*Petroglyphs*

*Pantanal*

*Mato Grosso do Sul*

*Brazil*

\* *Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Email: rodrigoaguiar@ufgd.edu.br.*

\*\* *Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Email: eudesleite@ufgd.edu.br.*

\*\*\* *Diretor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Email: joaosouza@ufgd.edu.br.*

## Introdução

O uso do termo '*arte rupestre*' procede de uma tradição acadêmica em nominar assim as gravuras e pinturas executadas em suportes rochosos por sociedades do passado, especialmente – ainda que não exclusivamente – o pré-histórico. O termo '*arte*', aqui, não faz referência àquele conceito trilhado pelo mundo ocidental, mas sim a um conjunto de iconografias que registram de forma perene eventos de destacada importância para as sociedades pré-históricas. O uso do termo '*arte rupestre*' se dá por ser este consagrado pela literatura acadêmica, mas neste artigo o empregamos cientes do contexto semântico e das críticas inerentes. Sabemos que os grafismos rupestres são iconografias que transcendem as questões estéticas, adentrando a esfera da significação do mundo imaterial por meio de imagens. Contudo, assim como as letras do alfabeto não carregam significados diretos aos que desconhecem seus códigos implícitos, o mesmo ocorre com as figuras rupestres. O esforço dos arqueólogos reside justamente em estudar estes grafismos de forma a estabelecer paralelos com a vida social dos povos que os executaram. Mas ao desconhecer os significantes que os grafismos portam, o trabalho se mostra particularmente difícil, devendo os investigadores iniciar seus trabalhos a partir da descrição das figuras, da sistematização dos grafismos e das possíveis relações com elementos culturais que podem ter marcado a vida dos atores sociais em questão. Como pano de fundo há o antigo drama humano em transformar os recursos disponíveis no meio ambiente de forma a garantir o sustento e a manutenção da vivência social. Por isso, entender como as sociedades do passado e do presente fazem uso do entorno e mais, como o representam em suas cosmologias, é parte fundamental do processo de estudo das representações rupestres.

O Morro do Campo, objeto de nossa investigação, integra uma cadeia de montanhas que se estende em meio às lagoas da região norte de Corumbá, no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul. Dentre estas, destaca-se o Amolar, cuja avulta impressão que tece na planície pantaneira o converteu em importante referência aos navegadores do período colonial. Estes maciços montanhosos são deveras relevantes para a sobrevivência das espécies terrestres, pois constituem a parcela de terra que permanece incondicionalmente exposta, independente do ciclo das águas – seja época de seca ou de cheia. Funcionam como refúgios em um ambiente em que a variação da altura das águas são características marcantes. São nestas montanhas que mamíferos terrestres de médio porte estabelecem seu habitat e território de forrageio.

A vida ribeirinha no Pantanal obedece a regras estritas impostas pela dinâmica das águas. Assim o foi em tempos passados e persiste, ditando as formas de organização do trabalho entre as comunidades assentadas às margens de rios e canais. Ao mesmo tempo, esse "*regime*" foi inserido na vida cotidiana das populações locais, as quais passaram a estabelecer estratégias de enfrentamento com a natureza, resultando num diálogo constante entre homem e mundo natural. Entre o período das vazantes e das cheias há a metamorfose do pantanal em ambientes radicalmente diferentes, cujas distinções permitem o comparar com um elemento vivo, pulsante, ser capital na vida social dos habitantes da grande planície de inundação. As diferenças fisionômicas do entorno demandam imediatas respostas culturais, pois neste complicado ciclo, malhas de corixos somem e reaparecem, animais transumam e peixes perecem nas águas tóxicas das dequadas. Ao transitar em diferentes épocas do ano pelos complexos lacunares, conectados pela intrincada rede de canais, nos damos conta de quão significativa é esta transformação na paisagem. Nas secas,

várias vias navegáveis somem, enquanto que em outras abundam os animais aquáticos, ora retesados. Nas cheias, em meio à grande quantidade de plantas hidrófilas insurge o arroz selvagem em harmonia com os campos floridos de mirassóis. Este ciclo é tão importante hoje como o foi há milhares de anos para os primeiros povoadores. É o bioma Pantanal, a maior superfície de alagamento do mundo, manifestando-se aos povos tradicionais enquanto entidade cosmológica.

O Pantanal, nessa forma, integra um cosmos em que homem e natureza se associam e se fazem presentes em formulações “*extra-naturais*”, consolidando a presença de um imaginário que participa do cotidiano dos pantaneiros. Seres fantásticos atuam e cumprem tarefas reguladoras no que tange a vida local, especialmente em relação às formas de apropriação do mundo natural, como é o caso do “*mãozão*”<sup>1</sup> e do “*minhocão*”<sup>2</sup>, cujas ocorrências registradas em narrativas orais indicam a forte presença de um conjunto de crenças diretamente relacionado às características físicas e humanas do Pantanal. A cartografia do imaginário extra-natural do pantaneiro é diversificada, refletindo parte da complexidade que a relação com o ambiente produziu, articulando concepções locais com a do explorador espanhol e do colonizador português e, em seguida, do brasileiro.

A presença dos primeiros povoadores está registrada nos incontáveis sítios arqueológicos distribuídos ao longo da planície pantaneira. Os dados arqueológicos disponíveis apontam o adensamento da ocupação humana no Pantanal entre 5 mil e 3 mil anos (Peixoto, 2003), apesar da ocorrência isolada de um sítio com data mais antiga, que recua aos 8 mil anos (Schmitz et al, 2009). Já o início da ocupação por populações ceramistas se dá por volta de 2.100 A. P. (Rogge, 2000) e se estende até próximo da época da conquista colonial. E neste contexto de ocupações pré-históricas aparecem diversos sítios de arte rupestre espalhados pelo espaço territorial de 65 mil quilômetros quadrados que compõe a área geopolítica da municipalidade de Corumbá.

## **A tradição Geométrica Pantaneira**

Os grafismos rupestres do Pantanal de Mato Grosso do Sul são compostos principalmente de figuras circulares, ocorrendo também, em frequência bem menor, outros elementos geométricos. Existem duas grandes áreas de ocorrência: uma executada nos lajedos que se estendem a partir da cadeia de montanhas do Maciço do Urucum, situados na região de entorno da área urbana de Corumbá e em alguns casos ocupando também o município de Ladário; e outra elaborada nas faces verticais de blocos soltos e paredões menores no Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul, área esta denominada por Peixoto (2003) de ‘*Região das Grandes Lagoas do Pantanal*’.

Apesar de compartilharem características tipológicas, especialmente no que diz respeito à predominância de figuras circulares, há algumas particularidades assinaladas entre os grafismos destes

<sup>1</sup> <sup>2</sup> O “*mãozão*” é descrito como um ser da mata, de aspectos monstruosos ou semelhante a um gorila e responsável por afugentar aventureiros no Pantanal. O “*minhocão*”, por sua vez, é referido como um ser da água e que provoca fortes ondas que afundam canoas, além produzir tremores nas barrancas dos rios e derrubarem moradias ali localizadas. Fernandes (2002), a partir de pesquisas com a metodologia da História Oral, apresenta importante estudo sobre mitos, lendas, contos e causos no ambiente pantaneiro. O conteúdo dessas narrativas demonstra de forma cabal a profunda relação existente entre o mundo natural e o sobrenatural, reproduzido na cosmovisão do morador do Pantanal.

dois grupos. A primeira está relacionada com o tipo de suporte. Nas representações situadas no entorno de Corumbá, foram escolhidos por base os grandes lajedos formados por depósitos sedimentares do minério de ferro erodido dos morros, em sua maior parte um conglomerado irregular de hematita (Girelli, 1994), ou seja, neste caso as figuras são representadas na posição horizontal, com grandes painéis que chegam a perfazer 1.700 m<sup>2</sup> de área gravada, como é o caso do sítio Fazenda Moutinho. Nos sítios da região das Grandes Lagoas as figuras foram feitas nas faces verticais de blocos e paredões de arenito e várias destes desenhos ficam totalmente encobertos pelas águas na época das cheias. Em ambos os casos a técnica empregada foi o polimento, com ocorrência em menor número de figuras picoteadas. Existe a possibilidade de algumas figuras terem sido esboçadas antes por picoteamento para depois receber o acabamento final através do polimento, situação já constatada por Peixoto e Schmitz (2011) no sítio do Morro do Caracará, no vizinho estado de Mato Grosso, bem como em outros complexos rupestres do Brasil (como os da Ilha de Santa Catarina, registrados por Aguiar, 2002).

A segunda diferença marcante está na ocorrência de figuras zoomorfas entre as gravuras da região das Grandes Lagoas, representações estas que praticamente não ocorrem nos sítios dos lajedos. No caso especial do sítio arqueológico do Morro do Campo, as figuras lá representadas se aproximam daquelas registradas por Peixoto e Schmitz (2011) no Morro do Caracará, no Pantanal de Mato Grosso. De fato, o Morro do Campo e o Morro do Caracará estão muito próximos, ambos na área limítrofe dos dois Estados, na região conhecida como *'Barra do São Lourenço'*. Imagem representativa destes dois sítios é a de um retângulo ou romboide preenchido com pontos, similares a cartuchos. Em ambos os sítios as representações zoomorfas são significativas.

Ainda assim, é possível perceber um condutor estético que se repete em todos os sítios, conectando-os de forma substancial. Os sítios do Pantanal de Mato Grosso do Sul compartilham determinadas matrizes tipológicas, sendo as representações circulares a temática dominante dentro deste compartilhamento. Em outras palavras, são sítios análogos entre si, tendo no ambiente pantaneiro a força motriz que influencia os processos decisórios no que tange as escolhas de elementos gráficos, assumindo os grafismos a condição de cosmologia materializada.

A literatura científica brasileira classifica como *'Tradição Geométrica'* os conjuntos de petroglifos onde predominam as representações geométricas e de pisadas de animais e que ocorrem por uma ampla faixa do território nacional (Prous, 1992). Dentro desta macroclassificação aparecem particularidades que levaram a formação de subtradições. Os sítios onde prevalecem as representações de pegadas de animais, como aves, veados, antas, felinos e canídeos, associadas a grafismos fitomorfos e figuras geométricas - na maior parte triângulos e linhas retas ou onduladas - são englobados dentro da *'Tradição Geométrica Meridional'*. A *'Tradição Geométrica Setentrional'* é formada por gravuras, cupuliformes em sua maioria, elaboradas nas proximidades de fluxos de águas e podem, por vezes, ficar submersas em determinadas épocas do ano. A primeira ocorre por uma vasta faixa territorial, ocupando áreas dos estados brasileiros de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Tocantins. A segunda tem sítios registrados no Ceará, Paraíba e Goiás.

Estilisticamente, os petroglifos do Pantanal de Mato Grosso do Sul possuem diferenças significativas em relação às duas classificações acima citadas e a principal é o predomínio das figuras circulares, tão raras

nos outros dois. Se nas tradições meridionais e setentrionais as pegadas de animais são frequentes, no Pantanal estas são praticamente inexistentes. A largura dos sulcos é outro elemento de marcada diferença, possuindo em média um centímetro nas manifestações meridionais, ao passo que nas pantaneiras pode passar dos dois centímetros. A mesma relação métrica é notada na profundidade dos sulcos.

Esta breve análise comparativa entre os sítios da *‘Tradição Geométrica Meridional’* e da *‘Tradição Geométrica Setentrional’* com os grafismos do Pantanal de Mato Grosso do Sul comprova que há mais diferenças que semelhanças entre os motivos rupestres destes conjuntos. Diante das particularidades apontadas, é possível pensar noutra subclassificação para o complexo estilístico do Pantanal. Dessa forma, para meros fins de ordenamento estilístico propomos aqui denominar o complexo rupestre presente no Pantanal de Mato Grosso do Sul de *‘Tradição Geométrica Pantaneira’*.

Quando usamos aqui o termo *‘Tradição’*, o fazemos cientes das críticas que surgem para este modelo. O termo tradição na arte rupestre é usado para classificar grafismos estilisticamente análogos, ou seja, as tradições são chaves classificativas que ordenam manifestações rupestres por afinidades de caracteres, sem com isso implicar filiações étnicas. Independente das discussões que apontam as deficiências das classificações arqueológicas em tradições é inegável a necessidade de promover um ordenamento do conteúdo levantado nas pesquisas em arte rupestre, permitindo situá-lo em um contexto mais amplo.

São quatro os sítios registrados na região das Grandes Lagoas: Baía Vermelha, Lagoa Gaíva I, Lagoa Gaíva II e Morro do Campo. Em todos, repete-se o padrão das figuras circulares como temática dominante. O sítio arqueológico de Baía Vermelha dista aproximadamente 150 km de do centro de Corumbá, navegando pelo Rio Paraguai. Foi registrado pela primeira vez por José Luis dos Santos Peixoto no ano de 2003, que elabora uma descrição do sítio na sua tese de doutoramento (Peixoto, 2003). Trata-se de uma série de gravuras elaboradas em blocos soltos ao longo de uma enseada, perfazendo uma linha de ocorrência de quinhentos metros. Percebe-se claramente que muitas das figuras ficam submersas no período das cheias, acarretando desgaste da rocha suporte e deposição de matéria orgânica – limo principalmente.

O sítio *‘Lagoa Gaíva I’* dista 140 km de Baía Vermelha e está situado nas terras da Fazenda Acurizal, na porção extrema do Noroeste de Corumbá, em área de divisa com a Bolívia e com o Estado de Mato Grosso. É formado por figuras circulares e linhas onduladas elaboradas sobre uma face vertical, cujo painel mede 25 metros de largura. Neste sítio fica evidente o emprego prévio do picoteamento para esboçar a figura, que posteriormente recebeu acabamento por polimento. Níveis de subida das águas ficaram claramente marcados na rocha suporte, dando a dimensão do alagamento que deixa a maior parte das figuras submersas em períodos de grandes cheias.

As figuras do sítio arqueológico *‘Lagoa Gaíva II’* estão estabelecidas a poucos quilômetros do anterior, em terras da Fazenda Rumo Oeste. Este segundo sítio possui uma quantidade muito maior de figuras se comparado com o *‘Lagoa Gaíva I’*, as quais estão dispostas de forma esparsa em blocos isolados e pequenos paredões às margens do rio, perfazendo uma linha de quase um quilômetro. A temática circular continua sendo o motivo predominante, contudo, neste sítio vão aparecer também as representações zoomórficas. Em artigo anterior (Aguiar et al, 2013) foi apresentada a ideia de que a iconografia retratada nos sítios de Lagoa Gaíva tem seu conteúdo simbólico atrelado à paisagem, sendo que esta funciona como complemento

aos grafismos. Os painéis interagem com a subida das águas, operando como mensurador de nível da lagoa e tendo sua forma estética e iconográfica transformada na medida em que as águas sobem, numa transformação do significante a partir da interação dos grafismos com o rio. Este painel mensurador serviria de baliza para orientar as estratégias grupais diante das variações fisionômicas do território pantaneiro.

Dos quatro sítios da região dos grandes lagos, o Morro do Campo é o único em que as gravuras não ficam submersas no período das cheias, indicando outra forma de interação dos elementos gráficos com o entorno. Este sítio, que é o objeto central do presente artigo, será descrito a seguir.

### **O sítio arqueológico ‘Morro do Campo’**

O Morro do Campo está situado na região da Barra do São Lourenço, porção noroeste do território de Corumbá, numa área de raias, tendo a Bolívia a oeste e o Estado de Mato Grosso ao norte. Seu acesso se dá pelo Rio Paraguai, tardando sete horas de barco rápido desde o centro de Corumbá até o Corixo Taquarazinho, que dá acesso à Lagoa do Morro do Campo. Nossa viagem ocorreu no mês de abril, período das cheias, época em que os corixos estão tomados de plantas hidrófilas, como camalotes, mirassóis e arrozzes nativos. Dessa forma, o acesso ao sítio, efetivamente, só se deu no dia seguinte.

Após pernoitar na casa de um ribeirinho, que também foi nosso guia, despertamo-nos às 5 da manhã e seguimos rumo ao sítio arqueológico. Somente para transpor os entupimentos dos canais pelos camalotes e acessar a Lagoa do Morro do Campo, a equipe tardou cerca de três horas, sendo necessário em muitos pontos descer do barco e transpor os camalotes puxando a embarcação. Quando desembarcamos no sítio já passava das dez da manhã. Isso demonstra a necessidade de um planejamento logístico para se trabalhar com sítios arqueológicos no Pantanal. Distante cerca de **duzentos quilômetros** da cidade de Corumbá, em uma região que o acesso se dá exclusivamente por barco, para ascender ao sítio é preciso pensar em todos os elementos da viagem, pois não há qualquer recurso próximo. Na região inexistem hotéis, restaurantes, bares ou mercados. Tampouco dispõe de energia elétrica ou telefonia, sendo toda comunicação feita por rádio. A gasolina tem de ser transportada na embarcação em tambores e um erro de cálculo pode se transformar em sério problema. Como não há energia elétrica, é preciso transportar cargas de gelo para a conservação dos alimentos, sendo que ao término deste o consumo alimentar se restringe a produtos não perecíveis. Há a opção de se usar barcos grandes equipados com quartos, cozinha e salão de refeições, como efetivamente foi feito na expedição anterior à Lagoa Gaíva (Aguiar et al, 2013), mas o custo operacional é significativamente mais elevado e requer muito mais tempo para o deslocamento – o trajeto feito em sete horas com lancha rápida levaria entre vinte e quatro e trinta horas usando barco grande. As pesquisas nestes sítios isolados requerem atenção redobrada com acidentes de trabalho, pois há risco de ataques de onças e picadas de cobras venenosas, que podem ser fatais em razão do tempo em que se levaria para acessar o socorro.

O sítio arqueológico do Morro do Campo é composto por gravuras executadas em um extenso painel vertical ao longo 115 metros, em altitude média entre cinco e dez metros em relação ao lago de frente. A área do paredão está completamente encoberta pela vegetação, praticamente bloqueando a passagem da luz solar. As gravuras apresentam-se encobertas por limo e líquens em sua quase totalidade, sendo

necessária a limpeza antes de se efetuar um trabalho acurado de catalogação. Os painéis estão dispostos em níveis ao longo do paredão, sendo alguns destes patamares muito estreitos e altos. Por isso, os trabalhos de limpeza e catalogação deverão envolver o uso de andaimes e cordas. Como os trabalhos aqui retratados foram feitos no período de cheia, percebe-se que ao contrário das gravuras de Lagoa Gaíva e de Baía Vermelha, todos os petroglifos do Morro do Campo estão livres do alcance das águas.

Estes elementos dificultaram sobremaneira o processo de registro fotográfico. As fotografias, feitas em câmera digital profissional – tipo *reflex* – com resolução de 18 megapixels, demandaram o uso de altos valores de ISO, o que prejudica a qualidade final da imagem. No caso dos petroglifos, o uso do flash é absolutamente ineficaz, sendo a compensação de luz o único recurso viável. A projeção de luz artificial empregando tripé também teria resultados insatisfatórios por causa da camada de limo e de líquens que impedem um melhor contraste. Entendemos então que um registro fotográfico de alta qualidade só poderá ser feito após a limpeza do painel.

Há uma trilha íngreme, mas curta, que passa ao final do paredão e dá acesso a um espaçoso platô que se estende acima do painel e desde onde é possível contemplar a lagoa de frente. Trata-se de um local privilegiado, que permite a formação de acampamentos e possibilita uma ampla visão do território circundante. No vizinho Morro do Caracará, foram registradas figuras rupestres em blocos com altitude superior aos vinte metros em relação à planície pantaneira (Peixoto e Schmitz, 2011), enfatizando a importância da contemplação cênica do entorno para o contexto da arte rupestre.

As figuras do Morro do Campo foram elaboradas predominantemente pela técnica do polimento. O processo inclui duas formas de tratamento, o linear e a silhueta. As figuras de tratamento linear possuem sulcos profundos e largos que formam os elementos geométricos, como os círculos. Já entre as representações zoomorfas predomina a silhueta, onde o corpo do animal é formado por um volume cheio, sem contornos lineares.

As representações zoomórficas são mais numerosas que àquelas registradas no sítio ‘*Lagoa Gaíva II*’. Aqui, aves, serpentes e outras figuras de animais estilizados aparecem gravadas em silhuetas que podem atingir os três centímetros de profundidade. Estes grafismos zoomórficos estão agrupados em uma mesma zona do painel, na extremidade direita. Aparecem associados a um grupo de caracteres circulares muito bem elaborados e definidos.

Próximo ao painel ilustrado na Figura 14 se desenvolve outro painel onde a figura dominante é a representação de uma cobra sucuri em tamanho cerca do natural. A gravura possui quase três metros de comprimento e está associada a outras duas representações de cobras, estas bem menores. A sucuri é outro animal emblemático do Pantanal, cuja projeção no imaginário das populações ribeirinhas, possui lugar de destaque. Animal que habita e se movimenta em áreas alagadas ou úmidas, a serpente pode ser considerada dócil, porém sua presença é sempre motivo de preocupação.

## Considerações finais

As gravuras rupestres do Morro do Campo se inserem num sistema de representação que abrange os sítios de Lagoa Gaíva, Baía vermelha e Morro do Caracará, este último no Estado vizinho de Mato Grosso. A predominância dos motivos circulares é um importante elo que conecta estas gravuras com os petroglifos dos lajedos de Corumbá, o que poderia constituir uma unidade estilística.

O painel está inserido num veio rochoso que nunca é encoberto pelas águas, independentemente da época do ano. No caso do Morro do Campo, o platô que se estende na região acima do veio rochoso onde os petroglifos foram feitos é o elemento natural determinante. Desde cima do sítio é possível ter uma visão privilegiada da lagoa e dos montes vizinhos. Conforme alerta Lara Bacelar Alves (2005) é importante estar atento à forma como os atributos do terreno, como posição dos elementos geomorfológicos e possíveis caminhos de movimentação de pessoas, interagem com a arte rupestre para criar uma compreensão da paisagem. Ou seja, o entorno não é um complemento ao símbolo rupestre, mas sim parte da formação de seu significante.

Ainda que se considere que há necessidade de mais atenção e cuidado no acesso e registro para preservação das gravuras rupestre do sítio de Morro do Campo, é possível observar que sua localização e conteúdo indicam forte presença de referências ao mundo natural. Parte das gravuras está localizada em áreas de difícil acesso, considerando a atualidade, bem como algumas delas, em alturas significativas em relação ao terreno ou ao nível das águas.

É importante reiterar que inexistem referências visuais – como fotos ou desenhos – aos grafismos do sítio arqueológico de Morro do Campo em artigos da área de arqueologia. Dessa forma, entende-se que este artigo servirá de referência a estudos posteriores, situando estas manifestações na literatura científica. As imagens feitas em câmera profissional digital, do tipo *reflex*, não apresentaram bons resultados em razão da densa cobertura vegetal, que impede a passagem de luz e demanda elevados valores de ISO. Limo e líquens que recobrem praticamente a totalidade dos grafismos também dificultam o registro fotográfico. Assim sendo, imagens ideais dos grafismos só poderão ser obtidas depois de se executar um trabalho de conservação do sítio que envolva a limpeza dos painéis.



## Referências

Aguiar, R. L. S. (2002) – *Manual de arqueologia rupestre: uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes*. Florianópolis: IOESC.

Aguiar, R. L. S.; Ribeiro, L.; Sampaio, D.; Souza, J. C.; Lima, K. M. (2013) – “As gravuras rupestres do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul”. *Revista Fronteiras de História* 27 (no prelo).

Alves, Lara Bacelar (2005) – “The Architecture of the Natural World: Rock Art in Western Iberia”. Em: Chris Scarre (ed.) *Monuments and Landscape in Atlantic Europe: Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*. Londres: Routledge, pp. 51-70.

Fernandes, F. A. G. (2002) – *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Edunesp. 374p.

Girelli, M. (1994) – *Lajedos com Gravuras na Região de Corumbá, MS*. (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: IAP/UNISINOS/UFMS, 176p.

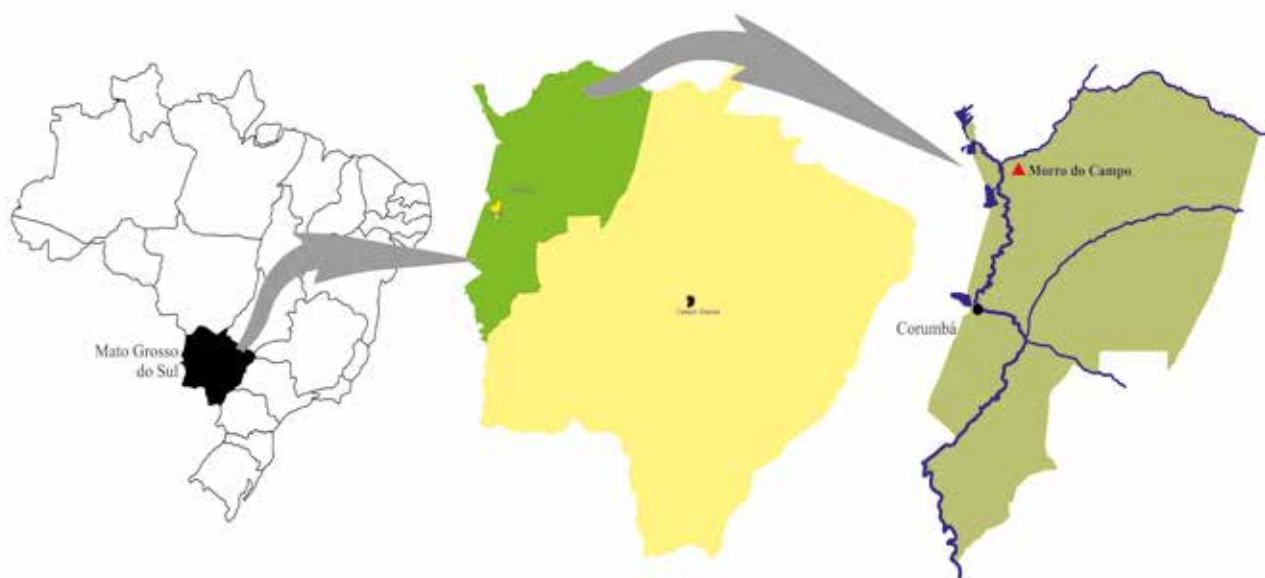
Peixoto, J. L. S. (2003) – *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos Grandes Lagos do Pantanal Sul-matrossense*. Tese de Doutorado em História, PUCRS. Porto Alegre, 262p.

Peixoto, J. L. S. & Schmitz, P. I. (2011) – “A arte rupestre do Caracará, Pantanal, Brasil”. *Revista Clio de Arqueologia*, Vol. 26, N. 2, pp. 237-263.

Prous, A. (1992) – *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB.

Rogge, J. H. (2000) – “A ocupação antiga no Pantanal do Mato Grosso do Sul”. *Revista Clio de Arqueologia*, Vol. 14, pp. 343-352.

Schmitz, P. I.; Rogge, J. H.; Rosa, A. O.; Beber, M. V. & Freitas, E. A. V. (2009) – “Aterros da Tradição Pantanal nas fazendas Sagrado Coração de Jesus e Bodoquena, Corumbá, MS”. *Pesquisas, Antropologia* 67. São Leopoldo: IAP, pp. 321-374.



**Figura 1** - Plano indicando a localização do sítio arqueológico de Morro do Campo.



**Figura 2** - O Amolar visto desde o Rio Paraguai (Foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 3** - Gravuras rupestres do Lajedo da Fazenda Figueirinha, em Corumbá (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 4** - Figura romboide preenchida com pontos, forma similar a um cartucho (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



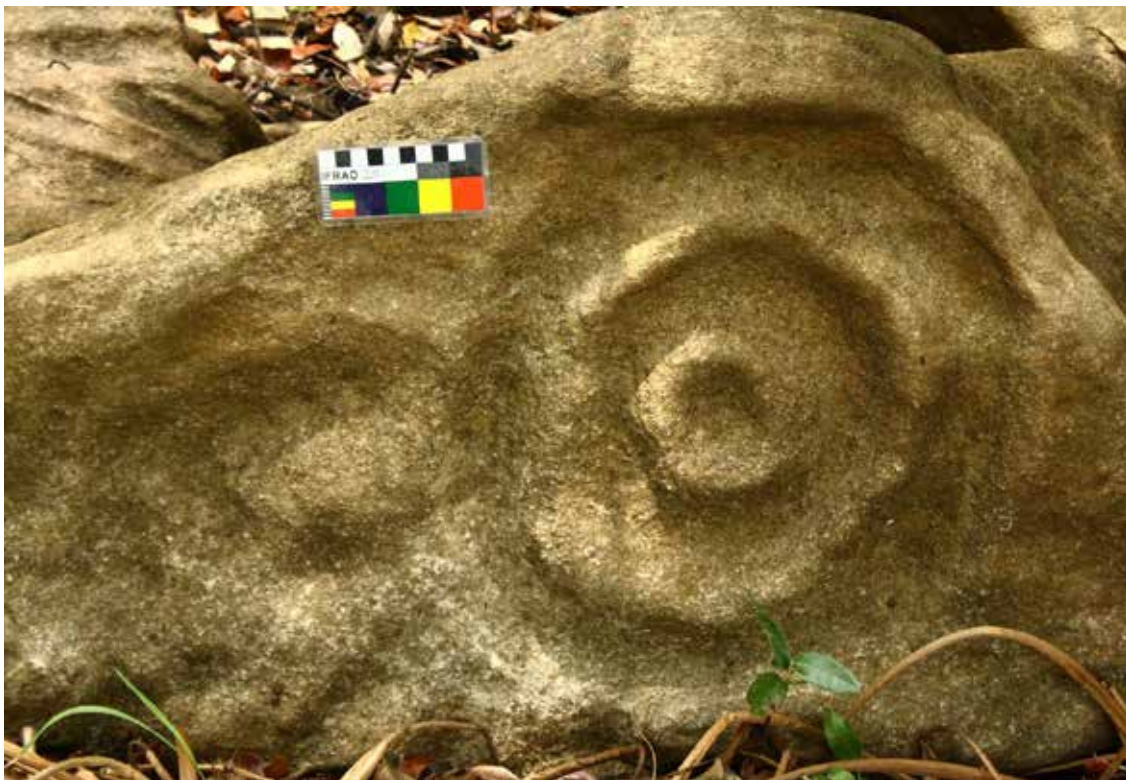


**Figura 5** - Gravuras da Tradição Geométrica Meridional. Na foto o sítio da Fazenda Cedro, município de Antônio João, Mato Grosso do Sul (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 6** - Grafismos do sítio arqueológico Fazenda Moutinho, situado em Ladário, Pantanal de Mato Grosso do Sul (foto de Rodrigo Simas Aguiar).





**Figura 7** - Petroglifo do sítio Baía Vermelha (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 8** - Representações circulares do sítio Lagoa Gaíva I. Na rocha ficam evidentes as marcas resultantes da elevação do nível das águas (foto de Rodrigo Simas Aguiar).





**Figura 9** - Bloco com gravuras do sítio Lagoa Gaíva I (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 9** - Representação zoomórfica associada a elementos geométricos onde pelas marcas de superfície (linhas esbranquiçadas formadas por eflorescências salinas) fica evidente a diminuição do nível de exposição dos grafismos na medida em que as águas do rio sobem (foto de Rodrigo Simas Aguiar).





**Figura 11** - Atravessando um corixo 'entupido' pelos camalotes (foto João Carlos de Souza).



**Figura 12** - Canais cobertos de mirassóis nas proximidades do Morro do Campo (foto de João Carlos de Souza).



**Figura 13** - Navegando em direção ao Morro do Campo, que aparece ao fundo (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 14** - Visão do entorno desde o platô situado acima do painel de gravuras (foto de Rodrigo Simas Aguiar).





**Figura 15** - Reprodução digital do painel com representações de aves agrupadas na porção superior esquerda.



**Figura 16** - Detalhe do mesmo painel da figura anterior (foto de Rodrigo Simas Aguiar).





**Figura 16** - Detalhe das representações de aves concentradas na porção superior esquerda do mesmo painel da figura 14 (foto de Rodrigo Simas Aguiar).



**Figura 17** - Painel da sucuri (foto de Rodrigo Simas Aguiar).